2023

09.02 —
15.03

CADEIRAÇO

SUPERFÍCIE

Andréa Hygino

Andréa Hygino — CADEIRAÇO

09.02
—
15.03
2023

Tiago Sant'Ana

10 da manhã. A sirena da escola soa. O som estridente percorre as esquinas de toda a escola. O barulho que adverte o intervalo interrompe a aula da professora e dá lugar ao furdunço dos estudantes — que fecham os cadernos ligeiramente e avançam pelos corredores. Apressados, trajando suas fardas, ultrapassam os corredores da escola — pintados de verde escuro da metade para baixo e de branco da metade para cima. De repente, já se deparam com uma imensa fila — de onde em seu início saem pratos e canecas preenchidos com a comida que derrama pacientemente da concha inox da tia da merenda.
—

Esse descritivo traz à tona o que foi e é o cotidiano de muitos estudantes de escolas públicas no Brasil: aguardar o horário do intervalo é a garantia da hora de comer — às vezes uma das poucas refeições que estudantes de classe baixa conseguem possuir ao longo do dia.

É precisamente através da identificação desse fato social que a artista visual Andréa Hygino compõe a série *Tipos de comer*. Na obra, Hygino — que também é professora — registra diversos nomes de alimento em sua própria língua formados por caracteres de sopas de letrinha. O enquadramento das fotografias deixa em evidência e em posição central a boca da artista, revelando parte da sua face e também um pedaço de uma vestimenta em gola formal, que nos faz rememorar os uniformes escolares antigos. Na língua, formada com as letrinhas típicas da sopa, visualizamos palavras como "carne", "arroz", "sal" e "feijão" — alimentos que fazem parte da cesta básica brasileira.

Ao cruzar o ato de comer com o ato de ir para escola, Hygino nos propõe uma visão ampliada da educação como uma instituição que nutre a mente e o corpo. Ao mesmo tempo que coloca o ambiente escolar como um setor estratégico para o entendimento do que também se passa no além-muro da instituição. Ao expor a série de fotografias de modo conjunto, a artista compõe uma dupla cartilha visual: uma de ensino do Português — aludindo àquelas utilizadas nos métodos de ensino criados por Paulo Freire para a educação de adultos — e outra, a do registro do que falta em muitos lares brasileiros acometidos pela fome.

Assim, a língua, nesta obra, é mostrada por Andréa Hygino também a partir de um duplo vínculo: a do órgão que nos permite degustar os alimentos e coloca-los para dentro do nosso corpo e também aquela que nos permite ter o vocabulário para falarmos e nos libertarmos.

Essa série de Andréa Hygino se soma a outros trabalhos para compor a exposição *CADEIRAÇO*, sua primeira individual na Superfície. Na exposição, a artista nos apresenta uma série de obras que rondam o ambiente da escola, tomando-a não somente como ponto de partida, mas também como vernáculo para a criação de um conjunto de exercícios visuais que insistem no processo de educação como algo basilar na criação das subjetividades.

A escolha por realizar obras que possuem relação com o cotidiano próprio da escola nos faz rememorar a exigência de uma dedicação diária, além da criação de uma ritualização do cotidiano. Hygino nos propõe perscrutar a escola que se afasta de um ideal de educação docilizadora, embora também essa seja uma instituição de controle social. Pelo contrário, ao nos aproximarmos da poética visual da artista, o que está em evidência é a construção de proposições visuais que nos levam a imaginar ações individuais e coletivas de transgressão à normas que tentam conformar as subjetividades. A escola é mais uma das instituições que auxiliam na criação de uma disciplina social, no entanto, a despeito disso, também promove chances de produzir rupturas.

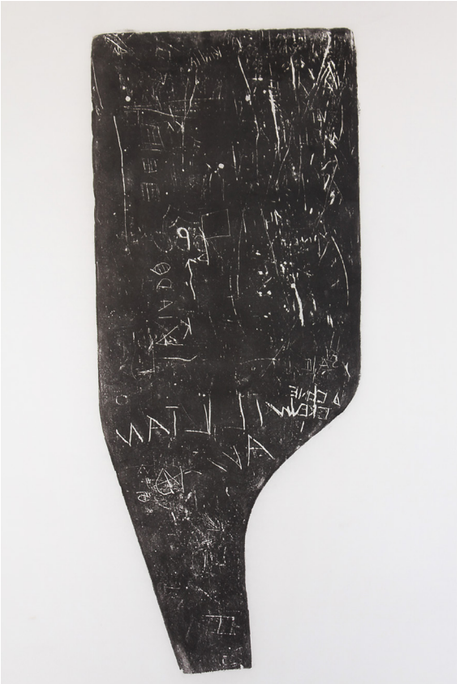
O próprio nome da exposição, cadeiraço, nos indica um caminho para analisarmos o conjunto de obras exibidos na mostra. Cadeiraço é a ação realizada por estudantes na criação de barricadas com mobílias escolares em protestos e manifestações. O uso da própria estrutura da escola como uma medida de interrupção dos fluxos é uma metalinguagem para refletir sobre a desamparo ao setor educacional com os aparatos simbólicos e físicos que a própria instituição criou para o uso no cotidiano escolar.

Na obra *Estudo para cadeiraço #1*, Hygino compõe um aglomerado visual por meio de carimbos com o formato de cadeiras escolares impressos em papel. Neste trabalho, a artista opta por utilizar o carimbo — utilizados em ações burocráticas — para a criação de uma mancha pictórica. A utilização do carimbo como um gravador é uma forma de repetição ritualizada de um mesmo gesto, como o próprio ato de ir à escola todos os dias e a maneira como muitas vezes a escola, também enquanto instituição de controle social, tenta realizar uma padronização dos comportamentos.

Padronização essa que, na maioria das vezes, falha em acontecer. Pois a escola também é um lugar de dissidência. Um exemplo disso é a série *Prova de estado*, em que Hygino compõe gravuras obtidas através da impressão dos braços das cadeiras escolares. É nessa superfície que muitas vezes os estudantes deixam registros concretizados, como uma espécie de matriz de xilogravura. Recados, desenhos, anotações, lembretes, xingamentos nos fazem pensar que essas escritas nos braços das cadeiras são como pequenos momentos de fuga da realidade durante as aulas e, nesse sentido, são um escape a um processo de disciplinarização. Ao atentar para essas marcas, Hygino compõe na série *Prova de estado* uma espécie de catalogação dos escritos de liberdade/fuga desses discentes e, concomitantemente, investiga a gravura, o ato de imprimir como um procedimento de padronização/diferenciação.

Nessa mesma esteira, em obras como *Ensino superior* e *Saída de emergência*, a artista se apropria de carteiras escolares estragadas para realizar esculturas que seriam impossíveis de serem utilizadas em suas funções originais. Em Ensino superior, Hygino expande o braço da carteira e o põe numa altura de 2 metros e 9 centímetros, sendo sua usabilidade comprometida. Aqui, o que está em cena, não é somente um exercício de estranhamento material da carteira. A educação ainda é algo que não é completamente acessível no Brasil, principalmente, quando pensamos nas universidades. De tal modo, o braço disfuncional da carteira é a materialização escultórica de uma inequidade percebida em termos de possibilidade de integração aos ensinos formais na educação brasileira.

As obras apresentadas por Andréa Hygino em *CADEIRAÇO* nos fazem pensar naquilo que Paulo Freire nos advertiu: devemos nos recursar a nos burocratizar mentalmente. O fato de a artista também ser professora e de ter conseguido através da educação compor o seu ideal de vida e arte, alguém que reflete e alinha Ética e Estética, dentro e fora da sala de aula, é um indício de que a educação é uma ferramenta de transformação social e que o ato de ensinar, assim como o de fazer arte, devem ser pedagogias libertadoras — que nos afasta da neurose da lógica da exploração e da tecnicização da vida.



P.E. Janelas

da série *Prova de Estado*, 2021
Xilogravura
Tinta tipográfica sobre papel chinês
42 × 60 cm

—

P.E. Matheus coração

da série *Prova de Estado*, 2021
Xilogravura
Tinta tipográfica sobre papel chinês
42 × 60 cm

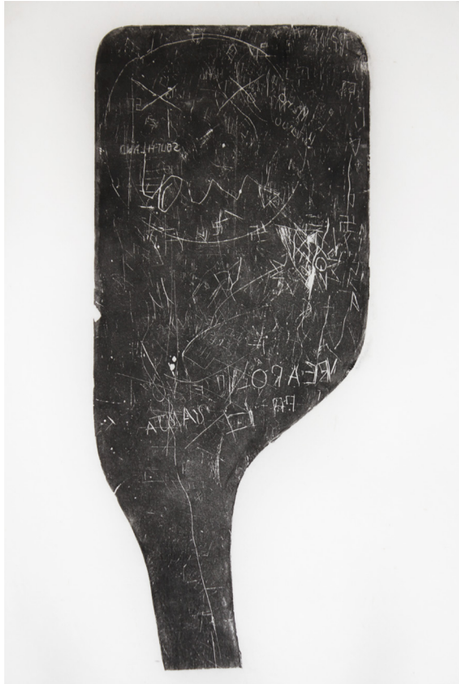
P.E. Pedro Thucca Mary

da série *Prova de Estado*, 2021
Xilogravura
Tinta tipográfica sobre papel chinês
42 × 60 cm

—

P.E. Zigue-zague

da série *Prova de Estado*, 2021
Xilogravura
Tinta tipográfica sobre papel chinês
42 × 60 cm



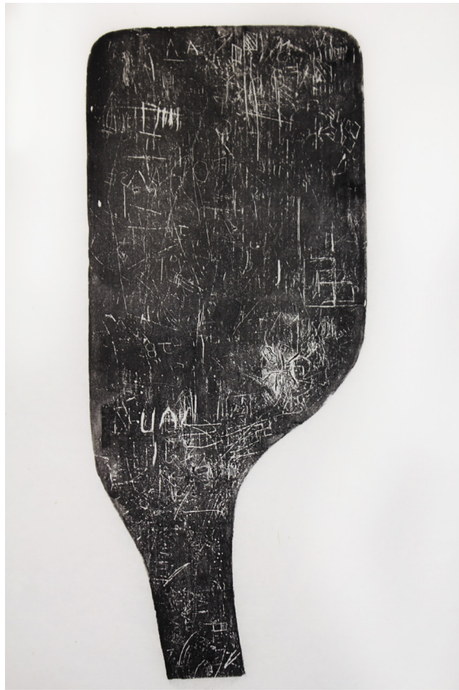
P.E. Grades

da série *Prova de Estado*, 2021
Xilogravura
Tinta tipográfica sobre papel chinês
42 × 60 cm

—

P.E. Face

da série *Prova de Estado*, 2021
Xilogravura
Tinta tipográfica sobre papel chinês
42 × 60 cm



P.E. Júlia

da série *Prova de Estado*, 2021
Xilogravura
Tinta tipográfica sobre papel chinês
42 × 60 cm

—

P.E. 2A

da série *Prova de Estado*, 2021
Xilogravura
Tinta tipográfica sobre papel chinês
42 × 60 cm

Saída de Emergência

2022
Madeira e ferro
256 × 80 × 45 cm

Ensino Superior

2022
Madeira
209 x 60 x 55 cm

Escreveu, não leu
o pau comeu

da série
Tábuas, 2021
Matriz de xilogravura
em pinus
25 × 60 cm cada

Carne Verbo

da série
Tábuas, 2021
Matriz de xilogravura
em pinus
25 × 60 cm cada

Tipos de comer

2022
Impressão
sobre papel algodão
Tríptico
26 x 40 cm cada

Projeto educacional
de ponta II

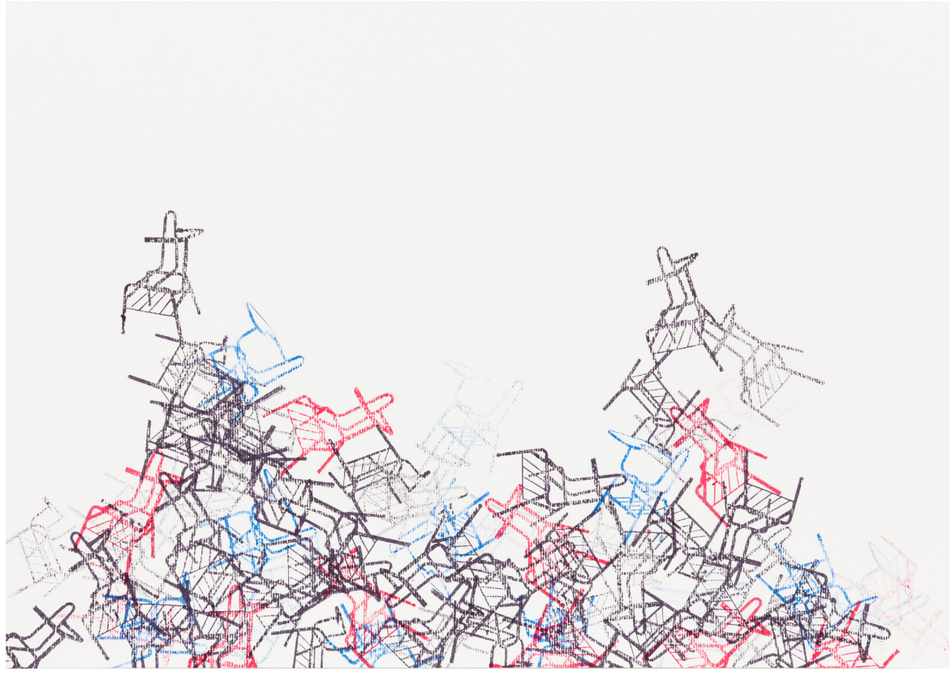
2023
Metal e caneta Bic
120 x 100 cm

Sem Título

da série
Mordido, 2021—2022
Lápis mordidos
por estudantes
Dimensões variáveis

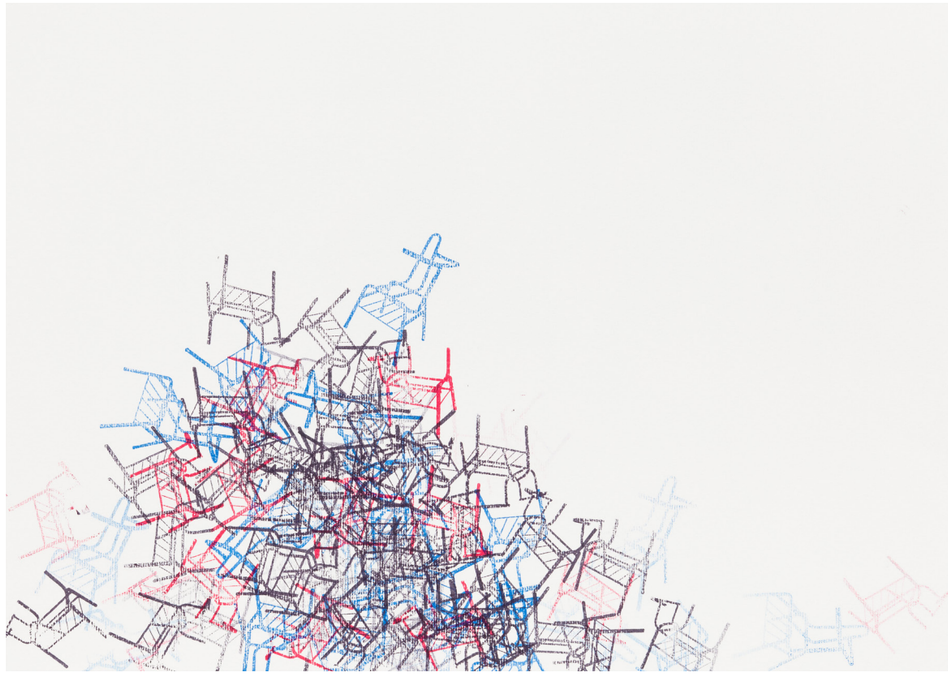
Projeto educacional
de ponta I

2023
Metal e tampa
de caneta Bic
18 x 8 cm



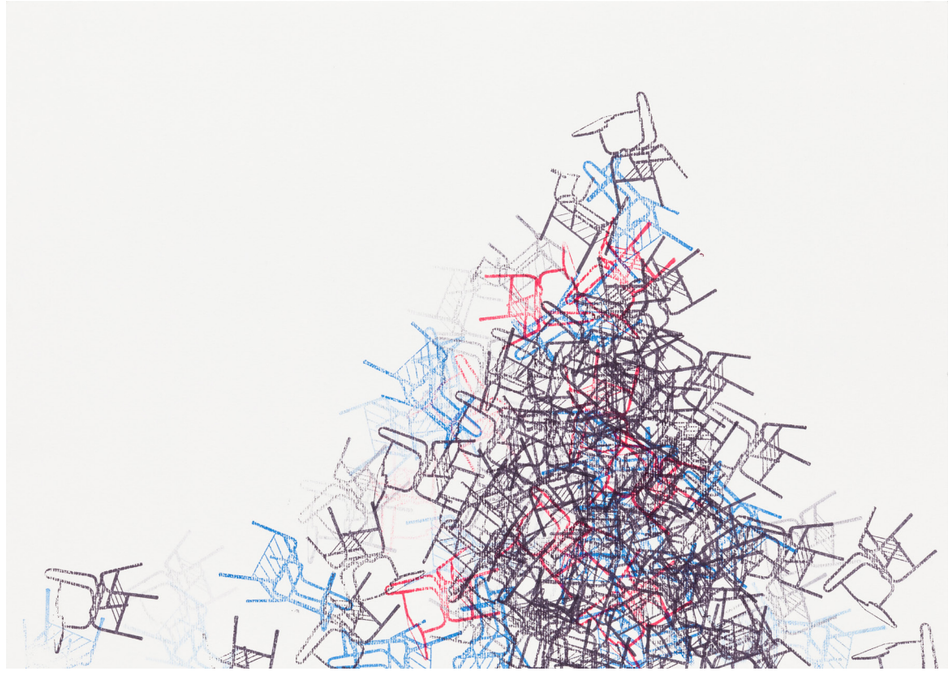
Estudo para
um cadeiraço #1

2023
Tinta de carimbo
sobre papel
57,5 × 42 cm



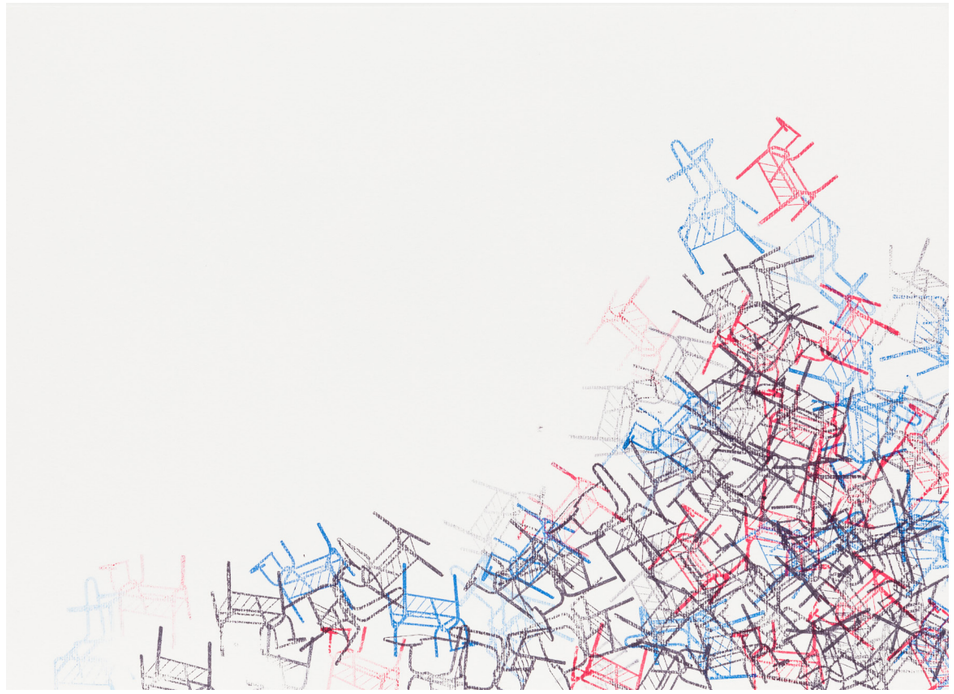
Estudo para
um cadeiraço #2

2023
Tinta de carimbo
sobre papel
57,5 × 42 cm



Estudo para
um cadeiraço #3

2023
Tinta de carimbo
sobre papel
57,5 × 42 cm



Estudo para
um cadeiraço #4

2023
Tinta de carimbo
sobre papel
57,5 × 42 cm